

A EDUCAÇÃO NA PROSA POÉTICO-FILOSÓFICA DE OSWALD DE ANDRADE: UMA PEDAGOGIA ANTROPOFÁGICA

Filipe Ceppas¹

Resumo

Este texto explora uma possível dimensão pedagógica da antropofagia de Oswald de Andrade. Procuramos mostrar como a antropofagia, enquanto “programa de reeducação da sensibilidade” e “teoria da cultura”, é também um combate contra o patriarcado, a venalidade e a usura do capitalismo; contra a lógica do léxico Berlitz, os preconceitos religiosos e as superstições ultrapassadas.

Palavras-chave: antropofagia, educação, Oswald de Andrade.

Resumen

Este trabajo explora una posible dimensión pedagógica de la antropofagia de Oswald de Andrade. Tratamos de mostrar cómo la antropofagia como "programa de reeducación de la sensibilidad" y "teoría de la cultura" es también una lucha contra el patriarcado, la venalidad y la usura del capitalismo; contra la lógica del léxico Berlitz, los prejuicios religiosos y las supersticiones obsoletas.

Palabras claves: antropofagia, educación, Oswald de Andrade.

*Perdão dos analfabetos que contam casos
Acaso*

Uma rápida investigação na obra de Oswald nos leva à constatação de que o termo “educação” é nela quase sempre empregado como sinônimo de convenção, de instituição patriarcal e conformista, de introjeção das normas sociais, etc. O *Manifesto antropófago* é claro a esse respeito. Ser “contra a mãe dos Gracos” é ser contra uma rígida educação moral que leva seus filhos à sanha civilizadora e à morte. No *Manifesto*, Oswald contrapõe, ainda, o vigor bárbaro do bandeirante João Ramalho ao projeto catequético de Anchieta.² Quando a palavra “educação” aparece nos romances (*Os Condenados*, *João Miramar*, etc), é quase sempre no sentido pejorativo de “bons modos”, de adaptação à sociedade (“Pantico não

¹ Professor adjunto da Faculdade de Educação da UFRJ, professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, PPGF-UFRJ e coordenador do Núcleo de Filosofia Francesa Contemporânea (NuFFC-CNPq). E-mail: filcepps@gmail.com.

² Nos anos 1940, Oswald complexificará sua opinião sobre a oposição bandeirantes x jesuítas, o que é um dado importante para o nosso tema, como veremos adiante. Em “A Marcha das Utopias”, ele escreve: “Ponto nevrálgico da história paulista é o bandeirismo. Desde a escola primária, aprendemos a ver os desbravadores como “raça de gigantes” e outras sonoras tolices de que vivem professores incapazes e escritores fracativos. O Bandeirismo é discutível. É um dos mais curiosos problemas do mundo moderno. Tem coisa! Se de fato os paulistas quebraram o mito diplomático de Tordesilhas, também fizeram inutilmente uma das maiores razias da história americana, deprederam e destruíram as reduções jesuíticas do Sul-glorioso e incompreendido cometimento social e humano.” (OSWALD, 1972a, p.178).

tivera educação desde criança e por isso amava vagamundear”). Mas nem por isso Oswald foi, com relação ao tema, uma espécie de vanguardista inconsequente, para quem os desafios do destino do país não passassem também pela questão educacional. Se ele não teve o engajamento institucional de um Mário de Andrade, podemos defender que toda a sua obra será marcada, sobretudo a partir da poesia pau-brasil, por uma intencionalidade claramente pedagógica e transformadora.

Como disse Benedito Nunes (“Antropofagia ao alcance de todos”, in: OSWALD, 1972a, p. XX), Oswald elabora, numa só concepção primitivista, todo “um programa de reeducação da sensibilidade e uma teoria da cultura brasileira”. Esta “reeducação da sensibilidade” é ela mesma uma “teoria da cultura”; ou, dito de outro modo, a teoria, para Oswald, só fazia sentido enquanto exercício ele mesmo literário (e libertário) de reeducação da sensibilidade. Que ele retome, após seu “sarampão marxista”, o programa antropófago como perspectiva de trabalho “teórico”, querendo retirar de seus ideias e metáforas uma *Weltanschauung*, é algo que se presta a múltiplas leituras. Dentre outras hipóteses, a nossa é a de que uma característica central da obra e do pensamento de Oswald é o esboroamento da fronteira entre o teórico e o literário, e essa característica seria um elemento fundamental de uma pedagogia antropofágica.

Assim, do ponto de vista da pergunta pela eventual dimensão pedagógica da antropofagia, indicamos uma primeira questão importante: o esboroamento da fronteira entre o teórico e o artístico não significa negação da teoria nem desprezo pela ciência, mas aposta numa espécie de “síntese anárquica” que problematiza o engessamento da escolarização, de um currículo marcado pelo predomínio do conhecimento abstrato, tanto científico como literário, individualista, e desconectado dos conhecimentos não-escolares, da cultura popular e, em especial, das características mais fundamentais da formação da cultura nacional. Não se trata apenas, por exemplo, de que, até pouco tempo atrás, as culturas negras e indígenas comparecessem na escola somente como apêndices históricos ou como efemérides folclóricas. Trata-se de perguntar se, com uma lei como a 11.645/2008, somos capaz de fazer com que a escola assuma, de algum modo, a difícil, trágica, e ao mesmo tempo libertária significação de nossas heranças negras e indígenas. O que significa “assumir essa herança” se não for, em alguma medida, assumir, em conjunção com toda a aposta formativa, científica e literária européia, que compõem o grosso do nosso currículo, aspectos das culturas negras e indígenas que se afastam de, problematizam ou subvertem esse modelo formativo “branco-ocidental”? Vê-se como a antropofagia oswaldiana nos coloca no centro de um questionamento radical. Convivemos com o escândalo diário de uma certa “falência da escola”: grande parte dos alunos abandona a escola antes de chegar ao final do ensino médio; a maioria dos que conseguem terminá-lo o faz sem saber ler e interpretar um texto ou realizar operações matemáticas triviais. A reação automática é pedir mais norma culta, mais português e mais matemática. Uma pedagogia antropofágica desconfia radicalmente dessa reação.

A antropofagia é, sim, um “projeto formativo”, uma espécie de filosofia libertária que estabelece um curto-circuito no próprio conceito de formação ocidental, ao querer *incorporar* a perspectiva ou o olhar indígena no próprio *sentido* daquilo que seria uma formação cultural, a partir do lema da “devoração”. “A floresta e a escola”. Trata-se de um mote que se presta a múltiplas leituras, porque, lado a lado

com um certo ufanismo, um certo voluntarismo, há em Oswald, explicitamente, a afirmação de conflitos radicais, afirmação advinda da consciência do princípio guerreiro que constitui a prática antropofágica. Oswald, irmanado por alguns raros intelectuais de sua época, como Gilberto Freyre, esteve plenamente consciente dessas tensões da cultura nacional, no que diz respeito às heranças negras e indígenas, o que fica evidente em sua crítica a toda e qualquer essencialização e mitificação da figura do índio, como as que ele ridicularizava no movimento Verde-amarelo. Oswald pretende encaminhar uma solução possível com um amálgama inusitado, uma tirada provocadora, que pode ser lida como um quase-conceito, aporético, no sentido desconstrucionista, derridiano, *avant la lettre*: o índio tecnizado.

A antropofagia-devoração e o índio tecnizado não são meras provocações, *blagues* de um vanguardismo aloprado, perdido numa antiga contenda em torno da identidade nacional. São antes imagens, senhas desse projeto de reeducação da sensibilidade que articula um jogo complexo de problemas e questões, formulado por Oswald e sobre o qual ele trabalhou de forma visionária até o fim da vida, em 1954. Tal como Walter Benjamin nos anos 1920 e 1930, Oswald avaliou e avalizou a potência da técnica e seu impacto na forma como concebemos e vivemos as “coisas do espírito”, as artes, a cultura, de maneira profética. Isto revela-se talvez mais claramente nas relações que Oswald estabeleceu, em sua obra literária e ensaística, entre a linguagem, a imagem, o esporte e o cinema.

Uma dificuldade inicial da apreciação dessas relações encontra-se nas várias passagens em que Oswald parece defender, com esses elementos, uma noção ingênua de progresso. Assim, pode-se ler, em “Do teatro que é bom”, texto de 1943, o seguinte diálogo:

[A] — (...) Olhe, quando se falou contra o ópio do povo, devia-se ter posto no plural e juntado o cinema e o futebol... O mundo não progride por causa desses entorpecentes...

[B] — Você está inteiramente equivocado, o cinema como o estádio exprimem a nossa época. Basta você recorrer a um indicador demográfico para verificar como a era da máquina tinha que produzir seus meios expressionais para uma humanidade que blefaria Malthus na sua prodigiosa ascensão censitária. O mundo de hoje tende a crescer e não há espiroqueta pálido, pára-quedista químico, tanque, canhão ou metralhadora, S. S. o estreptococo rajado, que possa com uma humanidade alfabetizada, elucidada pelo cinema, vigilante pela escola, saneada no esporte e na higiene alimentar, amparada pela cirurgia, pela sulfanilamida, pela granacidina...

[A] — Tudo isso seria ótimo se não houvesse aquela pequena diferença que fez o índio brasileiro, citado por Montaigne em “Os Canibais”, observar na corte de Rouen, que muito se admirava do conforto da cidade européia, mas muito mais de que não fossem os palácios e salões queimados pelos habitantes dos cortiços e dos casebres...

[B] — Ora, tudo tem seu tempo. A humanidade processa dialeticamente a sua ascensão. Cria o órgão e cria a função. Se amanhã se unificarem os meios de produção, o que parece possível, já não haverá dificuldades em reeducar o mundo, através da tela e do rádio, do teatro de choque e do estádio. É a era da máquina que atinge seu zênite. (OSWALD, 2004, pp.151-152)

À primeira vista, tudo aqui soa a um otimismo ingênuo, escandaloso mesmo, pela

época em que se manifestava. Nossa leitura, porém, sugere que “a posição” de Oswald nesse diálogo não é somente a de B, mas é também a de A, o que a menção aos canibais parece no mínimo sugerir. A análise de outros diálogos o confirma: Oswald nunca apresenta um interlocutor que não expresse também suas dúvidas e convicções mais profundas. Os diálogos de Oswald são aporéticos, e muitos de seus textos, caleidoscópicos, repletos de diatribes e miscelâneas, podem ser lidos nesse registro, de conflitos em grande medida propositais, de hipóteses e intuições que precisam ser a todo tempo repensadas, reelaboradas. Ao invés de uma crença ingênua na técnica e, portanto, no amálgama improvável desta com o que haveria de mais primitivo, a cultura indígena (tudo apontando para uma inevitável “unificação dos meios de produção”), o que há, num primeiro momento, é a consciência de um conflito fundamental que deve ser repensado numa perspectiva afirmativa, pragmática, numa afirmação criadora.

Talvez por isso Oswald tenha se afastado tão peremptoriamente do caminho que, no início do século XX, se abria de modo natural ao artista-intelectual que, revoltoso, compreende a importância do Estado para superar as mazelas da ex-colônia, como o analfabetismo. A trajetória de Mário de Andrade, neste sentido, em sua adesão ao Departamento de Cultura do governo Vargas, é exemplar. É, em suas próprias palavras, uma experiência de “sacrifício” e “suicídio”. Em carta a Murilo Mendes, ele escreve:

...não podia mais agüentar ser um escritor sem definição política. O Departamento vinha me tirar do impasse asfixiante, ao mesmo tempo que dava ao escritor suicidado uma continuidade objetiva à sua ‘arte de ação’ pela arte. Ia agir. (...) era sempre me conservar utilitário, dando uma pacificação às minhas exigências morais de escritor, pois tirava o escritor de foco, botando o foco no funcionário que surgia. (...) Percebi a possibilidade dum suicídio satisfatório e me suicidei. Eis aí. (*apud* MARTINS, 2001, p.50)

Já Oswald avalia criticamente a saída, destoando precisamente na recusa ao sacrifício: “Num país de analfabetizantes, os volumes peçados de citações forjam profetas e arranjam variados postos de sacrifício.” (“Banho de sol”, de 1939, in: OSWALD, 1976, p. 55. Ver, ainda, MARTINS 2001, pp. 63-64). Mas o que seriam, na perspectiva antropófaga, aqueles elementos pedagógicos criadores, pragmáticos: a técnica associada ao “bárbaro”, ao indígena? Como, a partir daí, se constituiria uma pedagogia antropófaga, em sua dimensão cultural e formativa?

É sobretudo do ponto de vista do artista, evidentemente, que Oswald pensa e trabalha “a técnica”. Na Revista *Klaxon*, Oswald nomeia o cinema de “superfície escola”. Baudelariano, ele trabalhou conscientemente, desde a *Trilogia do Exílio*, a experiência do choque, a partir da técnica de composição “simultaneísta” e “cinematográfica” do futurismo. Essa experiência estética é um experimento com a linguagem e a imagem indissociável da crítica e do ensaísmo social. É a fidelidade a esse experimento, a essa indissociabilidade, que faz com que o conteúdo “libertário” de suas teses (sua dimensão pan-sexual, antifascista, de crítica ao nosso capitalismo patrimonialista e conservador, etc) se apresente sempre através do que poderíamos chamar de “imagens abertas”, de perspectivas a serem exploradas, de generosas pistas para o futuro (vide o tropicalismo) Mesmo quando Oswald

exercita com o máximo de crueldade as suas críticas ferinas, há sempre humor e generosidade, há sempre o desejo de apontar para um caminho aberto de superação possível.

A ode ao esporte, ao recordismo, à glória de Tarzan e à *glamour girl* é, sempre, uma ode ao ócio. É que “... o mundo do trabalho, graças à técnica e ao progresso, passa os encargos sociais para a máquina e procura realizar na terra o ócio prometido pelas religiões no céu.” (*A crise da filosofia messiânica*, OSWALD, 1972a, p. 127). Mas não parece haver aqui qualquer determinismo. Oswald é consciente de que se trata de uma luta, de uma conquista. Em todos os seus textos, há um chamado para cerrar fileiras em torno de uma nova percepção e de um novo trabalho poético, artístico, associado às forças políticas e sociais (neste item, podemos citar como exemplos o entusiasmo com o muralismo mexicano e a importância da arquitetura enquanto arte social).

Já a parte “índio” do *índio tecnizado* é, sobretudo, o matriarcado, a crítica radical ao patriarcado. Este é o tema que sempre retorna, mais até do que a devoração, do que a antropofagia propriamente dita. Em *A Crise da Filosofia Messiânica*, Oswald escreve:

Evidentemente o freudismo se ressentia dos resíduos de sua formação paternalista. Falta a Freud e a seus gloriosos sequazes, a dimensão Bachofen. Eles não viram que suas pesquisas se limitavam e sua interpretação se deformava, na pauta histórica do Patriarcado. O padrão pedagógico do Ocidente venha de Fénelon ou de Jean-Jacques, dá sempre, em qualquer casa, em qualquer família constituída, a educação do príncipe. Numa sociedade, onde a figura do pai se tenha substituído pela da sociedade, tudo tende a mudar. Desaparece a hostilidade contra o pai individual que traz em si a marca natural do arbítrio. No Matriarcado é o senso do Superego tribal que se instala na formação da adolescência. Numa cultura matriarcal, o que se interioriza no adolescente não é mais a figura hostil do pai-indivíduo, e, sim, a imagem do grupo social. (OSWALD, 1972a, p. 125)

Ou, no texto *Variações sobre o Matriarcado*:

Esse passado onde o domínio materno se institui longamente, fazendo que o filho não fosse de um só homem individualizado, mas, sim, o filho da tribo, está hoje muito mais atenta e favoravelmente julgado pela Sociologia, do que no tempo das afrontosas progenituras que fizeram a desigualdade do mundo. Caminha-se por todos os atalhos e por todas as estradas reais para que a criança seja considerada o filho da sociedade e não como sucede tão continuamente, no regime da herança, com o filho de um irresponsável, de um tarado ou de um infeliz que não lhe pode dar educação e sustento. A tese matriarcal abre rumo. (OSWALD, 1972a, p. 258)

O índio tecnizado é, portanto, uma imagem pedagógica, um rumo a ser seguido. Contra a educação do príncipe, a educação do curumim. Mas Oswald defende, também, que o grupo social está dominado pela usura, pelo capital, o prestamista. A luta contra o patriarcado é, portanto, também, a luta contra essas forças da exploração que procuram sequestrar as benesses da era da técnica. A bandeira matriarcal é uma bandeira socialista.

Que a luta pelo socialismo seja também e, sobretudo, uma luta cultural, educativa, que se trava na linguagem, mais do que no âmbito político-partidário, Oswald o descobriu a duras penas. No discurso pronunciado no jubileu do *Pau-Brasil*, em 1950, lemos:

...vivemos muitas vezes, como bons paulistas, na angústia do colapso, o pelotão invisível apontando o peito, a morte a sessenta dias, a intimativa ululante do devido, pago, gasto, voado. Da casa e da família. Antigamente vinha presunto e manteiga da Dinamarca, hoje vem angústia. A nossa porém não é essa. É angústia bancária. Por isso perdemos facilmente o verbo poético e limitamos-nos muitas vezes ao vocabulário oligofrênico da cidade. Pingentes do capitalismo, lanceiros dos estribos, donde nos arriscamos a desabar a qualquer momento, surpreendemo-nos a produzir com o vizinho de ocasião aqueles prodígios do léxico Berlitz — Com prazer! Que honra! É bonito o pavão? Onde está a toilette? (Suplemento "Literatura e Arte", apud Haroldo de CAMPOS, "Uma poética da radicalidade", in: OSWALD, 1972b, p. 35)³

Todos os textos escritos nos últimos anos de vida de Oswald estão atravessados por essa consciência da necessidade de, através da reinvenção de um convívio social "primitivista", "matriarcal", superar a exploração econômica e o vocabulário oligofrênico da cidade, indissociáveis de uma "concepção messiânica da vida", de salvação individualista e sempre futura dos sacrifícios do presente.

Por fim, a compreensão da retomada desta perspectiva antropófaga não pode deixar de levar em conta a crítica religiosa. Apesar de sua crença pessoal em Deus, Oswald assumia a condição da vida contemporânea como a de um mundo sem Deus:

A angústia de Kierkegaard, o "cuidado" de Heidegger, o sentimento do "naufrágio, tanto em Mallarmé como em Karl Jaspers, o *Nada* de Sartre, não são senão sinais de que volta a Filosofia ao medo ancestral ante a vida que é devoração. Trata-se de uma concepção matriarcal do mundo sem Deus. ("Um aspecto antropofágico da cultura brasileira: o homem cordial", OSWALD, 1972a, p. 144)

A plataforma pedagógica antropófaga é, como se vê, extensa, mas é uma luta que implica, essencialmente, o combate ao patriarcado, à venalidade e a usura do capitalismo, à lógica do léxico Berlitz, aos preconceitos religiosos, a superstições ultrapassadas. Ela implica, ainda, a consciência aguda do nosso atraso e a aposta numa educação renovada, vitaminada.

Vivemos num país tenebroso, cheio de preconceitos ultrapassados e descabidos. A picaretagem prepondera e os otários se reeducam. Há uma nefasta inversão dos valores que precisam ser reajustados. Porém, já se vislumbra, com o grande entusiasmo vindo dos jovens que se

³ Este é um bom exemplo do quanto a obra tardia, ensaística, jornalística e testemunhal de Oswald nos oferece pistas essenciais para descortinar a genialidade do trabalho literário dos anos 1920 como uma experimentação radical de crítica social e linguística. Assim, nas palavras de Haroldo, *escola berlites* é um poema onde, em 1924, Oswald põe a nu, e de modo exemplar, "o absurdo wittgensteiniano dos mecanismos gramaticais, instalado na automatização mercantilista do convívio diário".

articulam na Universidade, promovendo reuniões, conferências, fundando clubes e revistas, enfim, uma série de desenvolvimentos que demonstra o desejo do progresso. E é principalmente na ‘vitamina-Universidade’ que iremos encontrar —como presenciamos no momento— o incentivo da cultura e a sua difusão de um modelo mais amplo e eficiente. Eu acredito na Universidade. (OSWALD, 2009, p. 282)

Hoje, a obra e as ideias de Oswald estão sendo retomadas na crítica literária, nos estudos culturais, na filosofia, nas mais diversas áreas, sujeitas a múltiplas leituras e apropriações. Por tudo o que dissemos acima, nos parece evidente que essa leitura e essa retomada são essenciais também no âmbito da educação, para uma educação que se queira libertária, sobretudo em momentos como o nosso, em que uma onda conservadora, patrimonialista, religiosa, rentista e patriarcal avança sobre a legislação, procurando impor seus valores retrógrados e impedir que a escola, e em especial a escola pública, cumpra a sua função de preparar as crianças para a construção de um mundo mais justo, em luta contra a violência e as desigualdades, com solidariedade, espírito coletivo, respeito à diferença e generosidade.

Referências

MARTINS, Rubens de Oliveira. *Um ciclone na Paulicéia: Oswald de Andrade e os limites da vida intelectual em São Paulo (1900-1950)*, São Paulo: Unibero, 2001.

OSWALD de Andrade. *Do Pau-Brasil à antropofagia e às utopias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972a.

_____. *Poesias reunidas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972b.

_____. *Telefonema (1)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

_____. *Ponta de Lança*. São Paulo: Globo, 2004.

_____. *Telefonema (2)*. São Paulo: Globo, 2009.